O Presbítero e os Sertões de Mombaça

(Em Memória de Padre Francisco Lino Aderaldo de Aquino)

FRACISCO ALVES DE ANDRADE

(Do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras)

1. A SIGNIFICAÇÃO DE UMA HOMENAGEM

A trasladação dos restos mortais de Padre FRANCISCO LINO ADERALDO DE AQUINO para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória de Mombaça tem alta signifcação cívica, cultural e humana.

Este município tem sabido reconhecer e venerar as belas tradições que ligam as gerações presentes a seus antepassados. Seguindo essa trilha, rende hoje a sua homenagem ao Sacerdote e ao Homem que aqui nasceu precisamente a 23 de setembro de 1862.

Para os que não o conheceram, diremos que ele é um fragmento da história do torrão natal, que hoje o recebe em seu amoravel seio, guardando, para a eternidade, a relíquia de uma personalidade integrante da comunidade sertaneja que, por laços de sangue, remonta aos legítimos fundadores de Mombaça.

Para os que o conheceram e participaram, como o orador, de sua fraternal estima, significa saudade, residuo de alguém que se foi e ressurge em nós, com a sua entidade diluida em reminiscências, parafraseando uma idéia de Coelho Neto. E assim, adiantaremos, que não é um intervalo que reponta no movimento pendular da existência,

mas a continuidade da vida que avança no continente humano.

Diremos melhor que em tudo isso é o manto da saudade que nos envolve e aconchega a todos — os mais moços e os mais velhos, numa comovente visão do passado, que dá conteúdo ao presente e, alongando o afeto por sobre os valores que amamos, expressa uma projeção de real grandeza de um melhor futuro.

Para todos nós, este é um momento de reflexão. É que no mundo moderno o progresso material e as preocupações dos negócios vão apagando o ideal dos nobres sentimentos humanos, ficando no esquecimento vultos, expressões, toda a lembrança da paisagem antiga.

As comunidades atuais estão como desmemoriadas. Poucos sabem como se formou ou de onde veio a ser esta nossa terra, com os seus caminhos, sitios e fazendas, esta cidade, aqueles campos com as suas labutas e episódios que geraram a segurança e a felicidade da nossa existência.

Ora, um ligeiro repasse da paisagem antiga e das nobres qualidades dos que nos antecederam — é o que procuramos revigorar neste instante de reflexão. Será que isso satisfaz? Diremos que isso é oportuno e quase necessário.

2. O QUE É PRECISO LEMBRAR

Um notável escritor americano escreveu um livro em que estudou o desenvolvimento do mundo, livro que tem o título de "Cheque do Futuro". (1)

Considerou então que o futuro da amizade e o da familia estão sendo postos à prova. Ora, que seria do mundo se desaparecesse a família, se se acabasse a amizade entre as pessoas humanas. E o escritor conclui que é preciso humanizar a vida.

Prevendo tudo isso, também a Igreja, em sua eterna sabedoria, está preparando o homem para reflexão e para o amor. Justo é que se torna necessário voltar ao passado

para estudar na alma daqueles homens dignos e valentes, um exemplo de fraternidade, de entendimento e de beleza que precisa ser revivido, frente à homenagem que rendemos ao nosso bom, nobre e digno conterrâneo Padre Francisco Lino Aderaldo.

Se quisermos humanizar a vida é preciso rever a terra do berço que é a família, não a pequena família, mas a grande família rural, forte e indivisível, tanto mais como era antigamente tecida de solidariedade e de labores, de sofrimentos e de ternuras, arrastada às vezes a conflitos, mas sempre revigorando-se das boas e firmes características dos seus antepassados. Diremos nesta mensagem que o que passou ainda é, está pulsando dentro de nós; o que é necessário é fazer brotar aquela nobreza antiga.

3. NOBREZA E TERNURA DOS ADERALDOS DE AQUINO

PADRE FRANCISCO LINO ADERALDO DE AQUINO é um daqueles exemplos de bondade a florescer como fiel rebento dos fundadores de Mombaça. É o segundo da estirpe de sacerdotes nascido neste torrão. O 1.º foi o Padre Pedro de Abreu Pereira, que aqui nasceu a 7 de julho de 1846, ordenado em Olinda — Pernambuco — a 29 de novembro de 1874 e falecido em Messejana a 3 de junho de 1919. (12). Este, como aquele, ramo do mesmo tronco da mesma árvore familiar.

Nasceu o Padre Lino em Mombaça a 23 de setembro de 1882 e faleceu em Fortaleza a 18 de julho de 1941 com 58 anos de idade. (1) Teria, se vivesse, no corrente ano, 94 anos de existência, que hoje completa na eternidade.

Matriculou-se a 1.º de março de 1894 no Seminário da Prainha, seguindo, tempos depois, para o Maranhão, onde ordenou-se presbitero a 25 de março de 1905, em São Luiz. Foi Vigário de Brejo, de 1906 a 1920. Quis voltar para o Ceará e escardinou-se para a Arquidiocese de Fortaleza, fi-

xando-se em Senador Pompeu, que paroquiou de 1921 a 1941, ano em que faleceu, tendo antes passado pouco tempo como vigário de Cascavel e Pacoti.

Inteligente, imaginoso, de temperamento ativo, era muito mais dotado de nobreza natural, do espírito de elegância e de bondade de seus pais. Realmente, o seu progenitor, Cel. José Aderaldo de Aquino, tabelião público em Mombaça dos 24 aos 76 anos de idade, quando morreu, era igualmente mui respeitado e acatado chefe político, por sua energia e caráter, além de fino trato com que cuidava de negócios e pessoas.

Se enérgico, todavia, sabia tratar rudeza com elegância naqueles ásperos e difíceis sertões. Jamais se ouviu falar de qualquer ato ou atitude de violência, pois, sem quebra de dignidade ou de altivez, sabia parlamentar com os adversários, decidir com bom senso e acêrto. Na sedição de Juazeiro, a sua casa, a do mano Ernesto, a de sua correligionária, Francisquinha Castelo, a do Vigário e algumas outras, foram as poucas que não levantaram a bandeira vermelha da jagunça revolução.

Padre Lino era um herdeiro daquela habilidade, senão, das qualidades nobres do Cel. José Aderaldo de Aquino. Diz o rifão popular que quem é bom já nasce feito. Realmente, a genética, ciência da hereditariedade e da variação dos organismos, ensina que a semelhança entre os ancestrais e seus descendentes é determinada por fatores já impressos num potencial de atributos que o ser vivo traz consigo de herança. E o nosso conterrâneo era portador daquelas qualidades inatas.

Conheci-o bem desde os meus tempos de menino. De Senador Pompeu, vinha vez por outra a Mombaça, ora visitar a família, ou para as conferências dos padres da região, e visitas pastorais. E assim, não perdia a convivência com a terra natal.

Reuniam-se os padres em casa do Vigário, o meu saudoso preceptor Pe. Pedro Leão Paes de Andrade,

que paroquiou esta freguezia durante quarenta anos, dando-lhe toda a sua vida. Por ocasião do seu centenário, em 1973, o ex-Governador Plácido Aderaldo Castelo fez importante conferência traçando a sua biografia. O Historiador Luís C. Sucupira, em efeméride comemorativa no Instituto do Ceará, publicada no T. 88,pp. 105-111, do Instituto do Ceará, revive a sua trajetória à frente deste torrão.

Eram ambos muito amigos, pois, conheciam-se desde o Seminário de Fortaleza, tendo o Padre Lino ali se matriculado em março de 1895, quando o Pe. Pedro Leão fazia o seu curso de Teologia, ordenando-se a 30 de Novembro de 1897. Revendo o Album Histórico do Seminário Episcopal do Ceará, publicado em 1920, por ocasião das Bodas de Ouro, documento impresso na França (Desclé, de Brower & Cie LILLE - 412), lemos na relação de matriculados daquele ano os seguintes alunos procedentes de Mombaça: Francisco Gonçalves Carvalho (819); José Gonçalves Torres Pamplona (820); Francisco Lino Aderaldo (821) e José Francisco de Albuquerque (822). (18) Os três primeiros eram parentes mais próximos. Conheci Francisco Gonçalves como coletor de Mombaça — figura influente na política local, muito nosso amigo, inteligente, otimista, astucioso e bom. O último enumerado era o advogado, latinista e também historiador José Militão, cuja operosidade e virtudes cívicas frutificaram nestes sertões.

Aqueles moços, representativos das principais famílias do lugar, onde o Cel. José Aderaldo de Aquino era um patriarca e um líder, iriam estudar com o jovem Francisco Lino no Seminário de Fortaleza, e eram todos parentes, ramos da mesma árvore.

4. O SEMINÁRIO DA PRAINHA E A JUVENTUDE SERTANEJA

Abrimos aqui um parêntese para mostrar um traço de nossa formação cultural. É que o Seminário de Forta-

leza, popularmente conhecido como Seminário da Prainha, era, como internato, o nosso melhor estabelecimento de educação.

A suas portas vinham bater jovens de todos os quadrantes do Ceará, filhos das principais famílias que habitavam fazendas ou vilarejos dos sertões longinquos, cidades e serras.

A carreira eclesiástica tinha maior influência e poder. Todavia, o objetivo sacerdotal colhia uma ínfima parcela da comunidade. A maior parte saia do Seminário para as atividades econômicas ou profissões liberais.

De um levantamento que objetivamos em pesquisa, passaram pelo Seminário de Fortaleza, na centúria de 1864 a 1964, 4.100 alunos, dos quais apenas 17% aproximadamente ordenaram-se padres, num total de 677, sendo 510 procedentes do Ceará. A maior parte, 83% destinaram-se ao universo de atividades leigas no engrandecimento do país. (2)

Em geral aqueles jovens recebiam uma educação austera, mas reconhecidamente proveitosa. Educação européia, moldada à francesa, ministrada por padres lazaristas, trazia-nos o melhor toque de conteúdo humanista em ciências, letras e artes. Foi o Seminário, naqueles tempos remotos, não só o nosso melhor colégio, mas o nosso primeiro estabelecimento de ensino Superior, a nossa primeira Universidade.

Mostrarei aqui o meu testemunho, como aluno que fui do velho Seminário, acompanhado por outros conterrâneos — Pedro Gonçalves de Carvalho, Álvaro Aderaldo Chaves, hoje médico no Rio de Janeiro, e Edmilson dos Santos Aires, também meu colega no bacharelato e conceituado advogado, com experiência do seu labor nestes sertões.

Diz o nosso eminente conterrâneo Plácido Castelo, em estudo histórico sobre o Seminário da Prainha (Rev. do Instituto do Ceará, T.78,pp. 57-79), que os Seminários criaram a principal elite orientadora da sociedade brasileira,

consolidando-se na confiança do fazendeiro, que não hesita em procurá-lo para a orientação intelectual do filho. Relata que, do seu torrão natal, cerca de dez moços cursaram o Seminário. E, a respeito, narra interessantes episódios. (9.1)

5. OS SERTÕES DE MOMBAÇA E AS SUAS GENEROSAS TRADIÇÕES

Estudando uma personalidade humana, não podíamos deixar de bordejar alguns tópicos geográficos e históricos sobre os sertões de Mombaça. Augusto Jaime Benevides de Alencar, de saudosa memória, publicou na Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História (Vols. I e II — 1935 e 1936), interessante esboço de caráter histórico e geográfico que bem merecia ser continuado. (5) Outro nosso conterrâneo, firmando-se em documentos de inventários e partilhas, revelou-nos as origens dos velhos troncos familiares e os seus feitos administrativos e sociais, a exemplo do que o seu autor, Augusto Tavares de Sá e Benevides, publicou na Revista do Instituto do Ceará, T. 61 pp. 247-270, e T. 65 pp. 139-145, resp. anos 1947 e 1951. (6)

Ouvindo Plácido Castelo, M. Pinheiro de Souza, Edmilson Pinheiro e Mozart Soriano Aderaldo em fontes de tradição oral e escrita, aqui abordaremos em sintese as nossas idéias que irão do real sociológico à poesia dentro da História e da Geografia Sentimental sob a epígrafe de "Saga dos Sertões de Mombaça". Acrescentaremos a tudo isso o testemunho do meu querido preceptor, Padre Pedro Leão Paes de Andrade, de quem herdei melhores sentimentos de amor à terra natal. (3., 2.1, 2.2)

Os sertões de Mombaça constituem no Ceará uma bem caracterizada micro-região, situada entre os mais antigos sertões de Quixeramobim, do Quixelô e dos Inhamuns. A curva de serranias que se estendem do Luna ao Calogí e dividem as sesmarias ou terras do Banabuiú das

do Jaguaribe, encimadas pelas úmidas altitudes da serra de Santa Rita, formam o baixo sertão de Mombaça. Observa Th. Pompeu que a Cordilheira Circular da Ibiapaba não é contínua, pois que, abatendo-se em Crateús, sofre uma interrupção brusca em direção a sudoeste, estendendo ramos com diversas denominações aos sertões de Maria Pereira, Inhamuns e outros. (8) As águas que se infiltram nas terras altas repontam nos pequeninos vales em sua rede capilar de riachos que drenam os seios ondulados da terra agrícola sobre os quais passa como artéria principal o Rio Banabuiú. A esta singular situação fisiográfica deve a micro-região sertaneja as suas fontes de vida. (3)

Abrange os atuais municípios de Mombaça, Pedra Branca, Senador Pompeu e Piquet Carneiro, encravados em uma moldura de serranias e serrotes sêcos, que mais parecem braços perdidos da Ibiapaba, separando a bacia do Jaguaribe das terras marginais do seu maior tributário — BANABUIÚ.

Em 1706, João de Barros Braga, Maria Pereira da Silva e Serafim Dias, José Rodrigues de Carvalho, José do Vale Abreu e mais outros companheiros, uns moradores no Ceará e outros em Pernambuco, requereram sesmaria de três léguas de terra no Rio Banabuiú, precisamente nas cercanias da atual cidade de Mombaça, a cuja ribeira os portugueses deram este nome, transplantando da África, em memória de seus feitos, o topônimo africano.

As manchas férteis dos SERTÕES DE MOMBAÇA logo atrairam e aglutinaram famílias de sertanistas vindos da Paraiba e de Pernambuco (sertão de fora), e das margens sergipanas ou baianas do Rio São Francisco (sertão de dentro), na expressão do historiador Capistrano de Abreu.

Tal foi a investida na ocupação e utilização da terra que, em 1860, o botânico Freire Alemão, ao passar pelos sertões de Inhamuns e Mombaça, encontrou as terras já muito devastadas pela agricultura na Serra das Guaribas.

E observando alguns remanescentes florestais ao descer a serra para Mombaça, considerou que "todo o terreno que elas vestem era facilmente cultivável. A cana, de introdução recente, ocupava ali em sua cultura grande número de braços. E plantada ordinariamente nas revências dos açudes, em cujas bordas frescas vegetam laranjeiras, bananeiras, coqueiros, etc". Observa Renato Braga que a existência de olhos d'água em alguns lugares era o testemunho de uma fisionomia a caminho da xerofilização. (História da Comissão Científica de Exploração, pp.267 e 383-384.) (7)

A população obreira adensando-se nos altos derrubava as matas e prosseguia na lavoura itinerante, de subsistência. Iam rareando os olhos d'água, enquanto os músculos emagrecidos dos solos erodidos faziam-se serrotes sêcos. E o saldo líquido da terra fugia para os vales úmidos, alí concentrando-se naturalmente, ou em barragens pinçadas nas gargantas e boqueirões, que passaram a dominar as aluviões com águas e úmus retidos.

Esta a tradição de trabalho, que feria a paisagem física, enquanto a vida humana prosseguia em sua labuta. Os sertões de Mombaça são uma convergência de populações, cujos sangues, nutrindo a cadeia de clãs agro-pastorís, eram bombeados naquele pequenino coração da terra, representativo das condições cearenses.

A luta pelo domínio, exploração e posse da terra, porém, gerou uma trajetória positiva de valores humanos, cujos episódios guardam uma profunda verdade, somente alcançavel pela poesia, que tem a graça do sonho, da esperança e da beleza imortal.

6. ORIGEM DE VELHOS TRONCOS FAMILIARES

As origens das famílias que povoaram os Sertões de Mombaça estão documentadas curiosamente em interessante trabalho que o Tabelião A. Tavares de SÁ e BENEVIDES publicou no T. 61 da Revista do Instituto do Ceará, pp. 247-270, ano de 1947. (6)

A partir da sesmaria fundamental, concedida em 12 de outubro de 1706 pelo Capitão Gabriel da Silva Lago a Maria Pereira da Silva, João de Barros Braga, Serafim Dias e outros seus companheiros, da qual, Teresa de Souza, casada com Pedro de Souza Barbalho, doou uma pequena partícula para patrimônio da Capela erigida a Nossa Senhora da Glória, padroeira do lugar, que tomou o nome de Maria Pereira, os inventários e partilhas das terras de sesmarias esclarecem quanto à origem dos velhos troncos familiares.

A doação patrimonial de Teresa de Souza, documentada pelos pesquisadores como filha de Maria Pereira, constou de cem braças de terra, pouco mais ou menos, de que a doadora era senhora no sítio de Maria Pereira, as quais ela possuia por doação do mesmo Pedro Barbalho. E como se faltasse terra para o templo, fez doação ainda de cem palmos para a praça da dita capela, junto a seu adro e corredores. Na respectiva escritura de doação, feita por instrumento público a 24 de novembro de 1781, Antonio Lemos de Almeida e sua mulher Eugênia Gonçalves de Carvalho doaram ao mesmo patrimônio meia légua de terras no riacho Aba da Serra e mais trinta vacas e um touro. **(Documento constante da pasta n.º 41 do Patrimônio da Arquidiocese de Fortaleza — Pública Forma em notas do 1.º Tabelião Francisco Ponte — Escritura de doação que fazem Antônio Lemos de Almeida e Tereza do Souza — cópia em poder do autor).** (17).

Do mesmo documento verifica-se que, em 1781, já havia um sitio de Maria Pereira, em que residia Teresa de Souza, ao lado do chão da capela, a ser encravada em cem braças e cem palmos de patrimônio. Mas, a renda fundamental para a manutenção do patrimônio de Nossa Senhora da Glória era de origem pastoril, trinta vacas e um touro, doados por Antônio Lemos de Almeida e sua mulher, Eugênia Gonçalves de Carvalho, que seriam criados na Aba da Serra, na meia légua que os mesmos possuiam e doaram ao patrimônio religioso.

* * *

Arrimado na tradição e inventários antigos procura aquele investigador demonstrar que os primeiros habitantes de Mombaça foram:

"1 — MARIA PEREIRA DA SILVA; 2 — SERAFIM DIAS; 3 — PEDRO BARBALHO; 4 — CAPITÃO PEDRO DA CUNHA LIMA; 5 — RODRIGO FRANCISCO VIEIRA; 6 — JERÔNIMO DA COSTA LEITE; 7 — ANTONIO LEMOS DE ALMEIDA; 8 — JOSÉ DE GOIS MELO; 9 — ANTÔNIO FERREIRA MARQUES; 10 — SARGENTO-MOR COSME RABELO VIEIRA; 11 — RAFAEL PEREIRA SOARES; 12 — ANACLETO MARTINS CHAVES; 13 — JOÃO ALVES CAMELO; 14 — FRANCISCO JOSÉ DE FONTES BRAGA. (6).

Não nos deteremos na controvérsia, segundo a qual, Maria Pereira da Silva, residente em Pernambuco, jamais ocupou suas terras, não se sabendo com quem era a mesma casada. O Barão de Studart (19) e outros estudiosos dizem que a Teresa de Souza era uma de suas filhas, tendo sido esta casada com Pedro Barbalho, havendo, depois da morte deste, doado cem braças de terras com meia légua de fundos à margem direita do Banabuiú para a ereção de uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Glória. A 14 de junho de 1782, por Dom Tomaz da Encarnação, bispo de Pernambuco, foi dada a provisão, tendo sido logo o templo construído, ao redor do qual ergueu-se a povoação de Mombaça. A 6 de setembro de 1832 era criada a freguesia, desmembrada de Quixeramobim, abrangendo a paróquia, que se estendia a toda a região hoje compreendida pelos municípios de Pedra Branca, Piquet Carneiro e Senador Pompeu. Em pleno Império era criado o município, conforme Lei n.º 550, de 23 de novembro de 1851, com o nome de Maria Pereira em homenagem à antiga sesmeira, proprietária do lugar, instituído o termo judiciário anexo à Comarca de Quixeramobim. (12, 6.1 e 6).

Depois da proclamação da República, quando chegou em Mombaça o Padre Pedro Leão (18 de fevereiro de 1892), diz com razão o Professor Luís C. SUCUPIRA, no estudo a que nos referimos, que o novo pároco "encontrou o povo descontente com a recente toponímia atribuída à cidade pelo Decreto n.º 69, de 9 de julho de 1892, que a crismou de **"Benjamin Constant" ,uma barretada a um dos fundadores da República, como passou a ser costume de então para cá, mudando-se nomes tradicionais de centros urbanos** para o de personalidades que a roda da sorte tem elevado a destacadas posições políticas ou administrativas". (20).

A reação popular, após reclamações a que não esteve alheio Padre Pedro Leão, fez voltar o lugar a denominar-se Maria Pereira, pela Lei n.º 1.565, de 21 de setembro de 1918. Todavia, havia uma tradição mais livre, pois o povo, apesar de reconhecer Maria Pereira como fundadora do lugar, sempre chamou a esta terra de Mombaça, topônimo legado pelos portugueses e que foi sempre o da primitiva povoação. E assim, atendendo a este fato, como a estudos históricos também dos filhos desta região, o Decreto-Lei n.º 1114, de 30 de dezembro de 1943, fez voltar o topônimo a sua mais antiga denominação de Mombaça. (12 e 6).

Voltaremos os olhos para, em ligeiro repasse, proceder a referências de integração dos fundadores do lugar, consoante a documentação consultada por SÁ e BENEVIDES, Tabelião de Mombaça. Diz este que o Barão de Studart conjectura que Maria Pereira fora casada com Pedro Barbalho (Dicionário Bio-Bibliográfico, 3.º Vol. pág. 38). "Do inventário procedido em 1768, dos bens deixados pelo Sargento-Mor Pedro de Abreu Pereira, consta que este era genro de Pedro Barbalho e Teresa de Souza. Consequentemente, Maria Pereira, ao invés de mulher, era sogra de Pedro Barbalho", casado, como foi referido, com a doadora Teresa de Souza. (Mombaça, Rev. do Inst. do Ceará — Ano 61, p. 240). (6).

7. OS ADERALDOS DE AQUINO, A COMUNIDADE E A TRADIÇÃO

Os Aderaldos passaram a ter este nome de família, a partir do seu ascendente comum, Francisco Aderaldo de Aquino, pai do Cel. José Aderaldo de Aquino e avô do Padre Francisco Lino Aderaldo. Aquele Francisco Aderaldo de Aquino, relata, em estudo publicado nesta Revista em número anterior, Mozart SORIANO ADERALDO, "chamava-se, de fato, Francisco da Silva Brito e era casado com Antonina Ferreira Marques, irmã do velho Zuza (José Ferreira Marques Brasil), figura mui conhecida em Mombaça, o qual era pai dos irmãos Tiago e Demétrio Ferreira Marques Brasil. Francisco da Silva Brito era filho de José Fiúza de Brito. Mudou o nome a conselho de um seu professor, no tempo da campanha nativista, contemporânea da Independência e das revoluções nacionalistas de 1817 e 1824, quando brasileiros substituíram sobrenomes portugueses por nacionais. (Separata da Rev. do Inst. do Ceará, T. 64 — Ano 1964. Ed. Instituto do Ceará, p. 27, e dados cedidos por Mozart Soriano Aderaldo ao autor) (1).

José Fiuza de Brito era casado com Maurícia Pereira da Silva, neta de Pedro de Abreu Pereira, pai de Eugênia Gonçalves de Carvalho, esta, casada com Antônio Lemos de Almeida, fundadores de Mombaça. Maurícia Pereira da Silva era filha de Pedro Barbalho e de Teresa de Souza, esta, filha de Maria Pereira. Deste escorço, conclui-se que o nosso homenageado, Padre Francisco Lino Aderaldo é um descendente em linha reta de Maria Pereira, um hexaneto da sesmeira, segundo as conjecturas genealógicas.

Os Aderaldos são Lemos de Almeida, Gonçalves de Carvalho e Marques Brasil, descendentes que são também daquela Antonina Ferreira Marques Brasil, que era sobrinha de Leonardo Ferreira Marques Brasil, Barão de São Leonardo, a respeito de quem o ex-Governador Plácido Aderaldo Castelo, flor também do velho Clã, escreveu me-

morável estudo publicado em plaquete, intitulada em 1942 com a epígrafe de "Barão de São Leonardo" (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda — 1942).

De Antônio Ferreira Marques, natural de Pernambuco, casado com Francisca Gertrudes da Conceição, filha do Sargento-Mor Pedro de Abreu Pereira, descende o Barão de São Leonardo, Comendador da Ordem da Rosa, casado com a francesa Aline Gauthier. Uma filha do casal, casou-se com o Desembargador Esmerino Gomes Parente. (A.T. Sá e BENEVIDES, op. cit. p. 259) (6 e 9).

Bisneto de Pedro Barbalho e Teresa de Sousa é o Capitão Honorato da Silva Limoeiro, filho de Manoel Pereira da Silva, o qual, em 1834, quando Juiz de Paz, celebrizou-se pela prisão que sozinho fez dos temerosos assassinos do moço Luciano Domingues de Araújo, de importante família de Quixeramobim. Gustavo Barroso, em "Heróis e Bandidos", João Brígido, em "Ceará, Homens e Fatos", bem como o escritor Esperidião de Queirós Lima, em "Antiga Família do Sertão" narram os lances dramáticos da proeza e valentia daquele filho de Mombaça. (6)

Não alongaremos mais o esboço genealógico a respeito do qual lembraremos uma frase que a inteligência e talento de Augusto Jaime deixou-nos na legenda que fazemos também nossa: "urge que refaçamos, aos clarões da verdade, as nossas tradições e a nossa vida".

Acrescentaremos que a história dos sertões é o caminho batido pelo **homo rusticus**, dependente dos vínculos concretos da natureza, levado pelo dinamismo de superar o meio hostil e de afirmar-se. Assim, ele transmite, de comunidade a comunidade, o seu conhecimento e experiência da vida, seus hábitos adaptativos, suas técnicas rudimentares, sua filosofia da existência, sua conduta e normas de ação. A sociedade rural é porém nimiamente ágrafa, tradicional. Os liames da tradição estão em primeiro plano: como entendê-la, como interpretá-la, sem tal estilo de comunicação?

Em conclusão: convém ouvir a crônica dos fatos na torrente da tradição, fazer o levantamento das famílias, colher no povo o seu testemunho, beber a linfa das estórias e episódios de sabor popular, levá-los à pauta dos documentos, sim, mas sem pretender esquecê-los ou repudiá-los por falta ou exiguidade de prova material sensível...

Eis que, aquela face positiva dos valores humanos não pode ser tratada com a frieza de uma análise matemática, nem com os alinhamentos abstratos dos levantamentos genealógicos sem o apoio da crônica de cada um daqueles varões fortes, "bons, burros e bravos". A mais profunda verdade que os cerca somente seria alcançável pela poesia, que tem a graça do sonho e da beleza imortal.

8 O PERFIL DE UM CLÉRIGO SERTANEJO

O seminarista Francisco Lino Aderaldo seguiu para o Maranhão onde ordenou-se, levado pelo nobre Dom Xisto Albano. Comecei a vê-lo num álbum de família, documento que era um mimo, cuidado e organizado pela irmã do meu preceptor, a minha segunda mãe e tia, Maria Umbelina Paes de Andrade, para quem os filhos e filhas do Cel. José Aderaldo eram como seus irmãos. Ali estavam os retratos de todos: o de minha tia Custódia Aderaldo, ao lado do marido, que foi o meu tio Capitão Rocha Andrade, metido em sua farda da Guarda Nacional, enquanto ela, em sua blusa de rendas com moda de decotes em sumo recato até o pescoço, fixara o olhar na etérea distância, com a inocência de quem muito cêdo se iria deste mundo.

Em uma página só estava o retrato de Padre Lino, o irmão, no dia de sua primeira missa, num quase sorriso de plácido otimismo, na primavera dos seus 22 anos. Era um belo rapaz, a pousar impecavelmente vestido de branco em um roquete de "gripire" que a mão materna bordara para aquele dia em que ao jovem cumpria entregar completamente a Deus a sua juventude.

Naquele album, sem saber, comecei a estudar sociolo-

gia rural: estavam neles os homens do meu torrão natal, os coroneis civis, valentes e leais, apenas separados nos dias de eleições, mas sempre unidos com as famílias na hospitalidade dos gestos generosos, assistidos pelo seu pároco, ouvindo dele a lição da fé, da esperança e do amor.

O jovem padre Francisco Lino Aderaldo quis regressar do Maranhão para a sua terra. E não podendo paroquiar a então vila de Maria Pereira, veio para a freguesia de Senador Pompeu, que também é sertão de Mombaça. Naquela ponta de linha férrea, chamada Humaitá, assistia religiosamente as famílias e apaziguava os ânimos.

Nas conferências realizadas em Mombaça, que eu assistia como menino acólito de ajudar as missas, sempre admirava-o pela jovialidade e otimismo, gosto de animar as palestras, assim como era objetivo e forte, quando debatia assuntos referentes ao munus sacerdotal. Viviam aqueles ministros do Senhor entre os conflitos da vida rústica, os desentendimentos das famílias, os desforços pessoais não raro à mão armada, e o dever que tinham os párocos de apaziguar, unir aconselhando, e abençoar as comunidades rústicas do berço ao túmulo.

Eram todos eles religiosamente respeitados, mas, algumas vezes compungidos, atacados, quando envolvidos no torvelinho dos conflitos ou colocando-se entre as partes como mãos entre pedras.

Mantinham-se com dignidade, ora usando de uma sensata altivez, ora suportando com humildade as ofensas, pois aprendiam das lições evangélicas que **Sacerdos alter Christus.**

A posição do sacerdote católico na comunidade primitiva dos sertões não deverá ser estudada à base de preconceitos mesmo religiosos ou místicos. Impõe-se examiná-lo como homem, no quadro da solidão envolvente. Os padres são assistentes do povo.

Da luta que eles empreenderam deveremos julgá-los em face dos perigos e dificuldades que enfrentaram; pelo

bem que fizeram, apezar de tudo. Como homens, eles são ramos da mesma árvore, queimada de sol, não raro ameaçada pelo raio, sacodida pela ventania.

Menino criado e educado por padre, vi por dentro o problema. Naquelas reuniões do clero, que assistia dos vãos das portas, com os olhos abertos e ouvidos atentos, ouvi conversas, surpreendi gestos e confidências, sem às vezes compreender tudo. Havia porém um toque de sofrimentos, amargor sofrido e sinceridades raras pela altura dos nobres sentimentos incompreendidos. Guardo de tudo, como lembrança, reminiscências felizes daquele bom, fiel e nobre pugilo do clero antigo, saido da boa cepa das famílias rurais, com os seus defeitos e virtudes, sacrificados com os seus talentos e almas aos sertões e aldeias em sua odisseia primitiva.

Ouvi de Mons. Tabosa a sua valentia apostólica e outros tantos episódios de Mons. José Cândido, Frei Lucas de Quixadá, Padre João Epifânio de Freitas Guimarães, num apanhado que poderia servir muito bem à crônica da sociologia religiosa. De Padre Lino Aderaldo, a dominante é que ele surgia sempre e pairava com o seu bom humor, dispersando a austeridade sombria com gracejos sadios e sentimentos de bela e jovial alegria. Era bom orador, falando sóbrio e simples. E tinha uma bela voz com que animava os cânticos litúrgicos.

Não podia deixar de transcrever, por ser oportuno, aqui, aquêles conceitos do Comendador Luís Sucupira em seu estudo a que me referi: "No interior, foi sempre o padre o centro de convergência dos anseios, dos interesses e das esperanças dos habitantes, abandonados pelo poder público. Entre eles o sacerdote não exercia apenas as funções de vigário. Eram conselheiros, os guias, os confidentes e normalmente os mestres-escolas... funcionavam como pedra de toque da paz, da ordem e da harmonia social." (Rev. do Inst. do Ceará, T. 88, p. 107 — 1974) (20)

9. O PADRE QUE FOI TAMBÉM UM SOBRINHO BISNETO DO CAP. HONORATO LIMOEIRO

Exemplificaremos os conceitos com alguns fatos colhidos na tradição. A paróquia de Senador Pompeu, antiga Humaitá, integrante dos Sertões de Mombaça, foi, como a de Piquet Carneiro e Pedra Branca, desmembrada da antiga Freguesia de Nossa Senhora da Glória. Situada num entreposto de linha férrea, cresceu, tornando-se importante centro comercial, mas, sem perder a tônica dos velhos clãs rurais.

No período de 1920 a 1925, Senador Pompeu teve dias agitadíssimos com a sua população apreensiva e abalada por incessantes litígios entre os seus chefes políticos, homens fortes, enérgicos, valentes. Padre Lino, embora se visse envolvido na política local, não deixou de interferir sempre no sentido da ordem e da paz, procurando apaziguar e harmonizar os ânimos, aspiração geral dos seus paroquianos e dos habitantes da cidade em via de desenvolvimento.

Foi naquela fase de dissenções que o novo padre veio para Senador Pompeu em que chegou a enfrentar situações difíceis, que exigiam de sua parte a virtude do Sacerdote a conciliar-se com a própria energia do seu caráter e temperamento de que era dotado. Conseguiu, porém, os seus objetivos, embora acidentalmente não tenha sido por alguns compreendido.

* * *

Naquelas luta da LEC, o padre foi ofendido por certo indivíduo que lhe lançou uma injúria. E ameaçou dar um tiro na cabeça de Padre Lino.

Uma senhora que conversava com o Padre em frente da Igreja de Senador Pompeu, ao ouvir a notícia dos propósitos de violência do adversário do Vigário, perguntou-lhe:

— Padre Lino, o que é que agora o Senhor vai fazer?
— Não irei fazer coisa alguma. Entrego tudo àquela que está alí, disse o Padre. E apontou para a Igreja matriz, cuja padroeira é Nossa Senhora das Dores.

Aproximaram-se alguns amigos que se manifestaram através de atitude de solidariedade, confortando ao ofendido, quando alguém chegando apressado, avisou:

— Padre Lino, vá socorrer F. que acaba de ser ferido por um tiro.

Acontecera que o mesmo autor da ameaça, estava limpando um revolver, quando a arma caiu, detonou uma bala e esta atingiu-lhe a cabeça.

O padre correu para o local do acidente, aproximou-se do seu paroquiano e socorreu o mesmo, dando-lhe a absolvição na hora de sua morte.

* * *

Outro episódio que marca a valentia e valor humano do nosso homenageado, frente ao povo sertanejo, que êle tão bem conhecia, é o seguinte.

Quando era vigário de Pedra Branca o Padre Lauro França, sacerdote virtuoso, humilde e santo, este, por motivos que não vale a pena examinar, sofreu um desacato de pessoas violentas e ignorantes. O Padre França, nervoso e deprimido, ficou quase louco para o resto da vida. Deixou a cidade, desceu a serra pelos caminhos e campos, rasgando-se, ferindo-se nos espinhos, fugindo para Senador Pompeu, enquanto alguns paroquianos aflitos procuravam o desaparecido. Eis que Padre Lino recebeu um telegrama de Pedra Branca avisando de que fosse encontrá-lo. Padre Lino seguiu imediatamente e encontrou o Padre Lauro, levou-o para a sua casa, amparou-o, e veio entregar o sacerdote ao Arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes, em Fortaleza. Este ficou tão aborrecido com a atitude daquelas pessoas de Pedra Branca em relação ao Padre Lauro, que

privou a freguesia de vigário durante muitos meses. E determinou ao Padre Lino para lá celebrar vez por outra, para desobrigar as famílias.

Na primeira vez que Padre Lino foi a Pedra Branca para cumprir as determinações do Arcebispo, assim se desempenhou com toda a sua melhor índole de sertanejo, matuto entre matutos. Êle chegou, mandou tocar o sino da Igreja. O pessoal seguiu para a Igreja, curioso do que o Padre Lino ia dizer e fazer.

Padre Lino começou a rezar a sua missa em latim, como era naquele tempo, de costas para o povo, e, quando chegou a ocasião da homilia, voltou-se para o povo e disse apenas o seguinte:

— Designou-me S. Excia. o Arcebispo Metropolitano para vir desobrigar o povo desta cidade uma vez por mês. Aqui estarei uma vez regularmente, um Domingo em cada mês. Hoje é o primeiro dêles. Quero previnir aos Senhores que nascí nesta região, conheço a taba e os caboclos. Se quizerem experimentar comigo o que fizeram com o Padre Lauro, tentem!

E voltou-se para o altar e continuou celebrando.

Fatos desta natureza são inúmeros, ouvi-os de testemunho fidedigno. Valem para salientar a personalidade forte daquele sacerdote que possuia a mesma têmpera dos seus ancestrais, a exemplo do seu tio-bisavô, Cap. Honorato da Silva Limoeiro. Em Senador Pompeu, Padre Lino Aderaldo destacou-se como respeitado Chefe político, chefe local da L.E.C. (Liga Eleitoral Católica), enfrentando as questões políticas com dignidade e altivez.

10. A COMUNIDADE E O PRESBÍTERO

Se a própria Igreja sempre tocou as lindes do interesse político, ora envolvendo-se, ora levada a envolver-se no po-

der temporal, como evitar a tangência dos círculos, nas áreas de concordância e discordância?... Desde Cristo que o dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus sempre foi um enigma. As forças encasteladas nos presbitérios, nos tempos coloniais, como ainda hoje, se vêem obrigadas a tomar posição diante dos pretórios. E os clérigos são de carne e osso. Se a maioria intransigente os vê e os julga como anjos, mostra-nos a realidade que êles são homens, naquela significativa expressão do verso de Terêncio: **homo sum, humani nihil a me alienum.**

No caso da Liga Eleitoral Católica, os padres foram levados a envolver-se na política. Já havia o precedente de ordem estrutural. A vida intelectual, social e política se caracterizava, diz Fernando Azevedo, por uma interpenetração da Igreja e o século. E Luís Martins observava igualmente este País "como um sólido amálgama social em que todas as forças influentes se auxiliavam mutuamente, unidas, paralelas e solidárias: clero, política, magistratura, família, economia, latifúndio — num vasto edifício..."

Quando rebentava um conflito, que força salvava o edifício? Certo que aquele humanismo cristão, familiar, ao lado do toque tradicional da formação e da velha nobreza rural. Ilustremos com um exemplo:

Padre Lino foi, no início de sua vida em Senador Pompeu, muito amigo do conceituado médico, Dr. Alcides Barreira, quando solteiro, morava com êle, na Casa Paroquial. Pouco depois veio a política da LEC, sendo o padre Chefe da mesma e o Dr. Alcides do outro partido, no tempo, o antigo PSD. O Dr. Alcides veio a adoecer, adquirindo um câncer na garganta. E quando, nas proximidades da morte, pediu um sacerdote para se confessar. O médico, nos conflitos políticos atritara-se com o Vigário. Então os amigos aconselharam: vamos mandar buscar um outro padre de município vizinho.

— Não, disse o Dr. Alcides, eu quero é o Padre Lino.

E mandou chamar o Padre Lino, que lhe levou o viá-

tico, depois de confessar o seu paroquiano. Os dois conversaram amavel e cordialmente, o enfermo recebeu a extrema-unção. E foram horas de entendimento, de largueza e nobreza de atitudes, de entendimentos humanos.

Vigariando Senador Pompeu, próximo à sua terra natal, informa um dos seus principais biógrafos, faleceu depois de vinte anos de luta. "Poucas almas tão ardentes e, paradoxalmente, tão bondosas, tenho conhecido. Tudo o que adquiriu no seu longo ministério, distribuiu sem medidas entre os parentes, amigos e necessitados. Tanto que morreu pobre, sem nada. Educou os sobrinhos, auxiliou parentes, ajudou amigos. Poucos vigários poderiam ombrear-se com ele na estima de seus paroquianos. De temperamento **sui generis**, sabia, como ninguém alegrar-se e zangar-se; mas, como ninguém tinha capacidade de perdoar, esquecer, dispensar. Quando doente, velho e pobre, nada lhe faltou, dado o sentimento de gratidão dos que foram por ele beneficiados".

Reconstruiu a Igreja de Senador Pompeu dando-lhe feição moderna, um dos templos mais belos do sertão cearense. Um tanto deformado hoje, era uma cópia da Igreja do Carmo, de Fortaleza. Padre Lino era caprichoso, e enfrentando tempos de escassez, a construção de uma Igreja era tarefa ousada, tanto assim que investiu as suas próprias economias no templo, bem assim em seus ornamentos e alfaias. Procurou reparar, melhorando ainda as capelas de Piquet Carneiro, Encantado, Miguel Calmon e outras.

De seu labor político, a única compensação que recebia era o encargo de ser Inspetor Escolar. Neste afã sentia-se bem em cooperar no ensino, entrando em entendimnto com a Diretora do Grupo Escolar, D. Nila Machado Pinheiro, insigne educadora, de primorosas virtudes, inteligência e saber. Vendo as dificuldades de infra-estrutura, conseguiu construir o Grupo Escolar Martins Rodrigues, nome dado em homenagem ao eminente político, Professor de Direito e grande brasileiro, recentemente falecido, descendente dos

Lemos de Almeida, fundadores de Mombaça. Padre Lino tanto empenhou-se nessa iniciativa que, certa vez, minguando-lhe os recursos financeiros, tudo exigiu do Governo de Menezes Pimentel para este fim, chegando a ameaçar de abandonar a política em face de ser um seu sobrinho, Plácido, o então Secretário da Fazenda. E êste já havia negado igual providência de provimentos de recursos para construções a três Prefeitos. Não poderia então satisfazer o tio, sem a quebra do procedimento administrativo, naquela oportunidade. Mas, Padre Lino não se conformou, alegando que tinha compromissos decorrentes da construção, a satisfazer, do Grupo Escolar em meio, sendo imperioso levar o numerário.

Não houve ponderação de Plácido que o convencesse. E diante da ameaça de abandonar as lides políticas, o Secretário argumentou que êle próprio seria o maior prejudicado. Retirou-se o Padre bastante aborrecido, enquanto Plácido, dando conhecimento da ocorrência a seu irmão Newton Castelo, foi logo entregar o cargo ao Governador Menezes Pimentel, este, empenhado na poupança financeira do seu Estado. O Governador, depois de ouvir o relato, disse ao seu Secretário:

— Você parece que não conhece o seu tio. Não lhe dou demissão. Vou conversar com o Padre Lino. E acerte você o dia em que poderá realizar o pagamento.

Que nos dê o seu testemunho, o nosso conterrâneo, Dr. Plácido Aderaldo Castelo, profundamente grato àquele seu tio Padre, que o orientou, que abençoou e casou os seus pais, precisamente no dia de sua Primeira Missa, celebrada na Matriz de Nossa Senhora da Glória de Mombaça, de cujas bençãos os frutos de progresso desta terra chegam até nós, com a energia de Paulo Afonso, com a "Estrada do Algodão", a qual passa por uma ponte entre Senador Pompeu e Mombaça, ponte que o nosso conterrâ-

neo, quando Governador, fez construir e inaugurou com o nome de Padre Lino, por ser um autêntico sertanista, que soube amar e engrandecer com a sua operosidade os sertões do seu torrão natal.

Que nos diga reconhecidamente de sua memória, este outro mombacense ilustre, **jure sanguinis,** Prof. Mozart Soriano Aderaldo. Em dias de sua juventude, quando ainda acadêmico de Direito, foi nomeado para Prefeito de Senador Pompeu. Restaurou-lhe as finanças, comunicou-lhe ordem e progresso, tendo encontrado, para estes fins, em Padre Lino todo o estímulo e apoio. E de tal modo agiu que, ao deixar a edilidade, foi da oposição que recebeu louvores e maiores encômios.

Invocamos neste momento a palavra autorizada de um santo, que se encontra com o nosso homenageado nos campos celestes. Este é um pronunciamento de Frei Bernardino de Mornico em relação ao Presbítero Francisco Lino Aderaldo de Aquino:

> "Foi um Sacerdote querido e um Vigário incansavel na vinha do Senhor. Possuia as qualidades de soldado de Cristo, que tem fé na sua vocação, abnegação e zelo na salvação das almas. Porque lhe queríamos muito, pranteia-o a nossa saudade e sufraga-o a nossa fé."

Em visita que fiz ao nosso querido Plácido Aderaldo Castelo, mostrou-me o conterrâneo uma lembrança do seu tio: o cálice dourado e a patena, um mimo da consagração de sua primeira missa. Ví ali todo um passado cristão e compreendi que ao homem-Sacerdote não se faz justiça sem amor.

Permiti, neste nosso rito, que tome aquele cálice e o encha do vinho dos nossos corações. Tome aquela patena e ponha sobre ela estas palavras, que citamos de Alexandre Herculano, em Eurico o Presbítero, em uma quase paráfrase:

"Cerca de 20 séculos são passados depois que Tu, ó Cristo, vieste visitar a terra.

"E as tuas palavras foram escutadas pelos indomaveis filhos dos Sertões, e êles ajoelharam aos pés da Cruz.

"É que nessas palavras divinas havia uma poesia celeste, a qual as almas rudes, mas virgens da América sentiam-se casar-se com as primitivas virtudes.

"Tu evangelizavas a liberdade e condenavas todo o gênero de tirania.

"Tu convertias o amor em sentimento grande e sublime: alargavas o âmbito do coração por toda a terra, por tudo quanto nela vive e respira.

"Para estes, o Evangelho assemelhava-se ao Sol q rompe de além das serras e que ilumina, aquece e alegra.

"Por isso, enquanto êles voltavam as costas à tua Cruz ou a lançavam de envolta aos ídolos, corríamos a abraçarnos com ela.

"Tem compaixão de nós ó Cristo; lembra-Te de que os ossos dos que assim o fizeram não são inteiramente cinzas debaixo das lousas!" (13)

Permiti que, dentro da reflexão, eu vos fale com poesia, que nos diz muito mais. E foi por isso que escrevi sôbre esta nossa terra o meu poema sôbre "Saga dos Sertões de Mombaça", pondo a poesia dentro da História e da Geografia Sentimental. Com poesia fazemos a nossa homenagem, pois, poema é também o salmo 117, do qual este versículo se encontra em um santinho da ordenação sacerdotal do nosso sempre querido conterrâneo Pe. Francisco Lino Aderaldo de Aquino:

Non moriar sed vivam
et narrabo opera Domini

o que quer dizer: não morrerei, mas viverei
e narrarei as obras do Senhor.

Sim, meus conterrâneos, ele não morrerá, pois, seu exemplo de energia e de bondade dirá para nós as glórias do Senhor.

BIBLIOGRAFIA (citada e consultada)

1. ADERALDO, Mozart Soriano. **Minha Árvore Genealógica** (modesta contribuição ao estudo da Genealogia Cearense) Separata da Rev. do Instituto do Ceará, — T. 64, pp. 61-94 Ed. do Instituto do Ceará — 1950.

2 ANDRADE, F. Alves de. **O Seminário de Fortaleza e a Cultura Cearense.** Separata da Rev. do Instituto do Ceará, T. 39, Ano 39. Editora do Instituto do Ceará, 1967.

2.1 — **Homenagem Póstuma** do Povo da Paróquia de N. Senhora da Glória de Mombaça ao Pe. Pedro Leão Paes de Andrade, contendo dados biobibliográficos. (09-09-1968). Contém uma síntese sobre: Fertilidade dos sertões de Mombaça — sua definição; Programa de Média açudagem; Luta pela implantação de ferrovias.

2.2 — **Humanismo Telúrico do Nordeste.** Pp. 29 a 62. Editora Henriqueta Galeno. Fortaleza-Ceará. 1971

3. ANDRADE, Pedro Leão Paz (Paes) (Padre). **Interesses do Ceará.** Est. Graphico A.C. Mendes. Fortaleza-Ceará, 1920 Artigos diversos publicados em "O Correio do Ceará" em edições de 20:02.1920; 13.05.1920 — **Política, caridade e Trabalho); Restauração Política** 20.08.1920; **O Ceará é o coração do flagelo** — 5.12.1919; **O Ceará por dentro** — 25-12-1919, e outros.

4. AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira.** (Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil. 2a. edição. Companhia Editora Nacional. Rio de Janeiro — São Paulo. 1944

5. BENEVIDES de Alencar, Augusto J. **Os Sertões de Mombaça.** Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História, Vols. I p. 81 a 83 e Vol. II, pp. 62 a 65.

6. BENEVIDES, Augusto Tavares de Sá e. MOMBAÇA (I — A razão deste nome. II — Primeiros habitantes. III — A Capela de Nossa Senhora da Glória. IV — De quem descendem os Benevides do Ceará. Rev. do Inst. do Ceará. pp. 246 a 270. Ed. Inst. do Ceará — Fortaleza, 1947.

6.1 — **1.º Centenário do Município de Mombaça.** T. 65 Ano 65 da Revista do Instituto do Ceará, pp. 139 a 145. Ed. Inst. do Ceará — Fortaleza. 1951

7. BRAGA, Renato. Prof. da Universidade do Ceará. **História da Comissão Científica de Exploração,** pp. 266 a 268. Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza. 1962.

8. BRASIL, Thomaz Pompeu de Souza. **O Ceará no começo do século XX.** Ceará — Fortaleza, 779 pp. Cit. de Orografia, pp. 20-21. 1909.

9. CASTELO, Plácido Aderaldo. **O Barão de São Leonardo.** Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Ceará. 1942

9.1 — **O Seminário da Prainha.** Revista do Instituto do Ceará, pp. 57 a 79, T. 78, Ano 78. 1964

10. COUTO, Francisco de Assis (Padre). **Gênese da cidade de Iguatú (desde 1682 a 1767)** Monografia n.º 2. Complemento do Opúsculo "Paróquia do Iguatu". Tipografia de "A Ação", Crato-Ceará. 1960

10.1 — **Paróquia de Iguatu** (sua formação eclesiástica) Editora A. Batista Fontenele. Fort.-Ce. 1958

10.2 — **Origens de São Mateus.** (Sua formação sócio-eclesiástica) Monografia n.º 5. Primeira Parte: 1682-1759. Empresa Gráfica LTDA. Crato-Ceará.

11. GOMES de Freitas, Antônio. **INHAMUNS** (Terra e Homens). Editora Henriqueta Galeno. Fortaleza-Ceará. 1972

12. GIRÃO, Raimundo e MARTINS FILHO, Antônio. O Ceará, 2a. Edição. Editora Fortaleza, 1945. Vide MOMBAÇA, pp. 356 a 357.
13 HERCULANO, Alexandre. **Eurico o Presbítero.** Edições de Ouro, com apresentação de Antônio Soares Amora. Vide Meditação pp. 40-41. Tecnoprint Gráfica Editora — Rio de Janeiro 1969.
14. MACÊDO, Nertan. **O Clã dos Inhamuns** (Uma família de guerreiros e pastores das cabeceiras do Jaguaribe. Impresso no Jornal **A Fortaleza.** Ceará-Fortaleza. 1967.
15. MARTINS, Luís. **O Patriarca e o Bacharel.** Livraria Martins Editora São Paulo, 1953.
16. NUNES, Teodósio Nunes (Padre) Sócio efetivo do Instituto do Cariri. **"Em Torno da Casa do Umbuzeiro".** Revista ITAYTERA, n.º 19 — Ano 1975.
17. PATRIMÔNIO DA ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA, Pasta n.º 41. Escritura de doação de Antônio Lemos de Almeida e Teresa de Souza. 24.11.1781.
18. SEMINÁRIO EPISCOPAL DO CEARÁ, **Album Histórico em Comemoração das Bodas de Ouro de sua Fundação** — Fortaleza-Ceará 1914-1920. IMP. DESCLÉE, De BROUWER & Cie LILLE — 412.
19. STUDART, Guilherme, Barão de. Dicionário Bio-Bibliográfico, 3.º Vol., p. 38.
20. SUCUPIRA, Luís C. **O Padre Pedro Leão Paes de Andrade.** Rev. do Instituto do Ceará, T. 87 Ano 87, pp. 105-111. 1974
21. TOFFLER Alvin. **O Choque do Futuro.** (Future Shock) 9a. Edição. Editora Arte Nova S.A. — Rio de Janeiro. 1972.

SAGA DOS SERTÕES DE MOMBAÇA

(A Poesia dentro da História e da Geografia Sentimental)

F. ALVES DE ANDRADE

(Do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras)

Aos desbravadores dos Sertões de Mombaça e pioneiros do desenvolvimento rural, cujo sonho lateja ainda na memória dos que amam sempre a terra do berço onde nascemos,

Dedica o Autor.

Serranias de Sudoeste
caminhando para Nordeste,
braços perdidos da Ibiapaba,
do Luna ao Calogí,
Serra de Santa Rita,
Chapadas do Quixelô,
Tabuleiros de Quixeramobim
e dos Inhamuns,
bordos dos seios encurvados
das entranhas férteis da terra núa,
beijada pelos vales úmidos
dos Sertões de Mombaça!

E o Banabuiú, descendo das nascentes,
bebendo na trama dos riachos,
rasgando com os afluentes torrenciais
o peito cristalino antigo!

O deflúvio das águas,
depositando no leito das ravinas
os solos descarnados,
erodidos!..

Gargantas e boqueirões,
vincos de serros partidos
que o sertanejo barra
para reter o saldo líquido
na terra sêca,
formando açudes!

Outrora,
estes músculos emagrecidos
eram potentes...

Foram densamente cobertos
do manto verde,
viçosos os seios
da virgem terra
para o germinar das sementes
e dos pastos sortidos.

Cresciam mais fortes os rebanhos.
O ventre de nossa irmã e mãe Terra
atraiu ao conúbio
os sertões de dentro
e os sertões de fora,
desde Paraíba e Pernambuco
aos barrancos do Rio São Francisco.

Vinham chegando
e iam ocupando...

Mediam a terra
com as patas dos seus cavalos,
abriam caminhos
com os rastros dos seus armentos.

Ocuparam a ribeira do rio
que o índio nú chamou
Brejo das Borboletas,
outros chamaram de Rinaré,
e tornou-se Rio da Palha
de Santos Vilhena.

Vinham chegando
e logo povoando...

O áspero Capitão João de Barros Braga,
a legendária Maria Pereira da Silva
e o português Serafim Dias
ganharam esta sesmaria
em 1706,
com apenas tinta e papel,
terra que deveriam garantir
com suor e sangue
e outros deveriam cultivar
com suor e lágrimas...

Quando o rico português morreu
acompanhou o seu corpo até o rio
uma gata de estimação.

O rio estava cheio
o morto carregado nos ombros
de índios e de escravos.
E a gata ficou-se num rochedo,
a mirar as águas rolantes,
solitária, a chorar,
até que uma piaba,
saltando do rio,
apanhada no dente,
fez-se o seu primeiro repasto.

O tempo passou,
a gata emagreceu,
piaba não veio,
pesca não se viu,
até que a gata morreu,
triste, na cegueira de esperar...

Os que alí lutaram,
os que lidam ainda
por intento e teimosias,
dizem que têm a cegueira
da gata de Serafim Dias.

* * *

Meia légua de terras,
trinta vacas e um touro,
cem braços e cem palmos
à margem do Banabuiú
foram o doado patrimônio
com que Dom Tomaz da Encarnação,
bispo de Pernambuco,
concedeu que se erigisse
a capela de Nossa Senhora da Glória,
nossa padroeira,
nossa benfeitora,
nossa advogada.

Antônio Lemos de Almeida,
Eugênia Gonçalves de Carvalho,
Teresa de Souza
vocês sabiam
que doando um chão e fazenda,
estavam plantando civilização?

E veio Pedro Barbalho
e o outro Pedro da Cunha Lima,
Antônio Ferreira Marques,
Rodrigo Francisco Vieira
e o Jerônimo da Costa Leite.

O tronco ancestral cresceu mais
com Cosme Rabelo Vieira,
os de Rafael Pereira Soares do Coquidê,

os de José Goes e Melo,
os de Fontes Braga, do Aracatí,
e, finalmente, entrosando-se na cadeia,
do velho Clã, Anacleto Martins Chaves
dos Inhamuns.

Amaram-se com as bençãos da Igreja,
ou à sombra das Ingazeiras,
os do sertão de dentro
e os do sertão de fora,
caldeando sangue de guerreiro índio
com sangue de guerreiro branco,
mui raramente pingados do sal
da costa de Kênia e de Melinde,
pois, se de lá veio o nome da Ribeira,
algum resíduo ficou do périplo africano.

Gente da Casa Forte da Caiçara,
vocês guardaram o nome de Rodrigo,
casado com Quitéria,
da família dos Montes?

O Comandante Augusto Francisco Vieira
cresceu aqui na mesma arte do seu parente
Cosme, dono da Jacoca e do Quixeramobim.
Juntou em suas mãos quase todas as fazendas
que depois se partiram em mil pedaços
e hoje só restam o Maxixe
e o São Jerônimo
para lhes contar a estória!..

Fazenda Barra Nova,
teus caminhos, campos e alpendres
nos contam a bravura e astúcia
do Capitão Honorato da Silva Limoeiro,
prendendo, sozinho, temerosos assassinos
Ele sozinho valia um batalhão.

Vinham chegando
e tomando conta de tudo.

Padre para batizar e casar
encomendar e dizer missa,
juiz e escrivão pra fazer justiça.

Padre Sarmento Benevides,
nomeado Vigário da Freguesia
de Nossa Senhora da Glória,
trazendo família letrada
e política da Paraíba,
recomendou a enxertia
do seu Clã no outro Clã.

Fazendo eleições dentro da Igreja
o presbítero de Nosso Senhor,
Cavalheiro da Ordem de Cristo,
elegeu-se deputado em oito legislaturas
da Assembléia Provincial,
mas, o fazendeiro Antônio Gonçalves de Carvalho,
dos Lemos de Almeida,
com muita devoção,
fazia promessa,
indo ouvir missa,
levando nos ombros,
da sua Fazenda Jardim,
uma grande cruz de aroeira...

Em casa, os escravos sofriam...
Exercendo política,
um filho do pagador de promessa
xingava o Vigário,
comandando a oposição.

— Quem tem mais poder aquí
que o Juiz de Direito?

pergunta o Dr. Inocêncio Camargo
numa festança a seus filhos diplomados
e chegados de Olinda.

— Tem, seu doutô.
— Quem é? insiste o Juiz.
— Cacête, disse o João Pedrosa
no meio da multidão.

Comarca de Maria Pereira
voltando a termo, com Juiz de Paz:

— Coronel Olímpio Vieira,
vossimicê, que é juiz,
me diga quando uma promissória prescreve?

— A promissória prescreve,
no dia em que o velhaco assina!..

Tempos idos de aldeia solitária,
murada de rincões patriarcais,
com os seus coronéis
valentes e leais,
sinceros, hierárquicos!

Mombaça do coronel Chico Brasil,
sobraçando os velhos troncos da herança!
Do cabra Zé Mariano, saltando
a janela da casa, de rifle na mão
para defender o amo, a rolar pelo chão,
atirando e a gritar bem perto da escolta:
— Segura na bala, soldado,
que agora eu vou é no punhal!..

Mombaça de Pedro Martins de Melo,
altivo, mas sem arrogância,
falando forte, solidário,
e à frente de seus parentes unidos,
ditando a um Tenente da Polícia
que a família repelia a afronta.
Dobrasse a esquina e deixasse a cidade.

Terra de todos nós
e do Coronel José Aderaldo de Aquino,
tratando rudeza com elegância,
chefiando cordialmente a política,
e metido em seu croisé,
marcando quadrilhas em francês...
Com apenas algumas tintas
a mais do ABC, mais parecia
um nobre dos salões da Europa,
perdido nas asperezas dos sertões.

Na subversão de Juazeiro,
a sua casa e a do mano Ernesto,
dizem que foram as únicas
que não levantaram
a bandeira vermelha adesista
da revolução.

Vilarejo romântico
de Antônio Pedro de Sá Benevides!

Vocês não o conheceram,
mas eu vi o tabelião,
vibrando flautas e violões,
tocando missas e ladainhas,
hinos na Escola,
modinhas de calçadas
e modinhas de Igreja,

e fazendo representar
com músicas de sua lavra
o drama de Flor de Abril.

Secas de 1877,
de 1915 e 1919!

A fome, a sêde, a peste,
a debandada dos sertões.

A Transamazônica começou aqui.
José Frutuoso voltou rico dos seringais.
Poucos escaparam,
muitos foram perdidos
na trama do Inferno Verde...

Mestre Senhor,
meu tio Lulu,
minha tia Malim,
onde estão os restos de vocês?

* * *

Disse um Padre profeta:
só o céu desanca o Ceará,
não dando chuvas,
negando água.
Os vales do Vicente,
de Santa Bárbara
e do João Alves,
serão tão férteis
quanto o Cariri
se construirem açudes.

Queremos também o rio
pinçado nos seus flancos
e mais a estrada de ferro
com as de rodagem,
economia solidária nos sertões.

O ramal de Piquet Carneiro a Crateús não veio
mas veio a Estrada do Algodão.
E a energia de Paulo Afonso está aqui.

Depressa, amigos,
a terra está ainda viva,
os campos estão bolindo
e as fontes ainda não secaram.

Ali o Canzuim,
o Canaan e o Guarani.

Eu quero ouvir os bois
gaiteando na Barra Nova.

Depressa,
por uma comunidade solidária,
com o humanismo fazendo sinal
em nossas frontes:
Política, Amizade, Trabalho !

O rio Banabuiú
desce ainda carregando limo
nas águas barrentas para o Mar.

No alto do rochedo solitário,
com os músculos emagrecidos,
vai morrendo e resistindo
a gata de Serafim Dias,
na velha teimosia de esperar.

* * *

Basta.
Não posso mais.
Eu quero ver a minha terra
com olhos de menino.
Tragam a vaca Chita Fina
e o meu carneiro Jasmin.

Hei de ver florido
o meu Riso do Prado.

Quero dar o meu peito ao Banabuiú,
descendo nas águas barrentas,
cobertas de troncos e de espumas...

Quero vir com ele,
rolando para o Mar,
o grande mar da saudade,
dos serros azulados,
bordando a terra verde
dos campos sem fim!...